



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Faculdade de Ciências - Bauru



ANDREZA DE ANDRADE FREITAS

**AFRICANIDADES BRASILEIRAS NAS
AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA:
PROCESSOS EDUCATIVOS COM
CRIANÇAS DOS ANOS INICIAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

**Bauru
2024**

ANDREZA DE ANDRADE FREITAS

**AFRICANIDADES BRASILEIRAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA:
PROCESSOS EDUCATIVOS COM CRIANÇAS DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Orientador: Denise Aparecida Correa

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Câmpus de Bauru, para obtenção do grau de Licenciada em Educação Física.

**Bauru
2024**

F866a

Freitas, Andreza de Andrade

Africanidades brasileiras nas aulas de Educação Física: processos educativos com crianças dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental / Andreza de Andrade Freitas. -- Bauru, 2024

58 p. : il., tabs., fotos

Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura - Educação Física) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências, Bauru

Orientadora: Denise Aparecida Corrêa

1. Africanidades. 2. Educação Física. 3. Escola. I. Título.

“Eu acho tudo muito legal, emocionante, animado, divertido e cultural, eu sei que existe começo, meio e fim nossas aulas podem ter chegado ao fim visualmente, mas mentalmente ela só começou essas aulas foram minhas foram suas foram de todos nós do 4º ano A, por isso nós te amamos.”

(Shuri, 2024, uma reflexão sobre as aulas)

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, que me criou sozinha e sempre me estimulou a estudar “para ser alguém na vida”, e que é a mulher mais guerreira que já conheci. Obrigada por me ensinar a correr, todos os dias, atrás do que se acredita.

À minha irmã, que cuidou de mim durante a minha infância inteira, e que foi meu maior exemplo durante a minha vida. Eu sempre me espelhei em você, você é a referência que eu segui para chegar onde eu estou. Obrigada por me apoiar e por pavimentar um caminho tortuoso para que pudesse caminhar mais facilmente.

Ao meu noivo, Jeziel, que foi a pessoa que mais apoiou e mais acreditou em mim durante toda a minha graduação. De verdade, você não faz ideia do quão importante e fundamental foi o seu papel durante esse percurso, porque em um ambiente extremamente incerto eu sempre tive a certeza de que você estaria comigo independente de tudo.

Aos meus amigos, que trouxe junto comigo no coração e aos que fiz durante o caminho. Um agradecimento especial ao bloco 4, vocês estarão eternamente junto comigo, pois sem vocês eu teria enlouquecido. Minha amiga Poly, que foi companheira nessa jornada e que é uma pessoa que tenho muita admiração.

À minha orientadora, Denise Aparecida Corrêa, que acreditou em mim desde o começo me incentivando a participar e ocupar lugares que eu não sabia que era possível. Obrigada por me enxergar e acreditar na minha capacidade antes de mim mesma.

Ao projeto Brincando e Dialogando, por despertar em mim a vontade de ser professora e me mostrar o universo da educação através das relações étnico-raciais de uma maneira tão linda. Agradeço pelas pessoas que conheci através desse projeto, pessoas que sempre me impulsionaram para cima e contribuíram de forma única para a minha formação como pessoa e como educadora.

À Prof.^a. Ms. Suzi Dornelas, que acompanhou minha trajetória no Brincado e Dialogando, me ensinando na prática o que é ser uma professora. E que também me acompanhou durante a realização do meu TCC, sendo uma peça fundamental para a realização desse trabalho, sem você eu não teria feito metade do que eu fiz.

Às crianças, que foram as responsáveis por cativar em mim a vontade de estar em sala de aula. E que me fizeram acreditar no poder da educação.

RESUMO

Este trabalho se trata de uma pesquisa pautada na temática das africanidades brasileiras, realizada no primeiro semestre de 2024, com uma turma do 4º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental em uma Escola Estadual de São Paulo, localizado no município de Bauru. Ao todo foram realizados quatro encontros com uma turma de 32 crianças, no período das aulas de educação física. O objetivo central deste estudo foi identificar e compreender os processos educativos que decorrem de uma intervenção pautada na valorização das africanidades brasileiras nas aulas de educação física nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. E o objetivo específico foi entender como o ensino de africanidades nas aulas de educação física contribuem para a valorização e compreensão dos/das alunos/alunas sobre a diversidade da cultura africana e afro-brasileira. Se tratando de uma pesquisa qualitativa a coleta de dados se deu através de diários de campo realizados durante todos os encontro e entrevistas, inicial e final, em formato de questionários. Como resultados obtivemos duas categorias que representam a perspectiva das crianças sobre as africanidades brasileiras e os conteúdos abordados durante as aulas da intervenção. A partir desses resultados foi possível comparar dados iniciais e finais das entrevistas os acontecimentos e reflexões expressos pela pesquisadora nos diários de campo.

Palavras-chave: Africanidades; Educação Física; Escola.

ABSTRACT

This work involves of a search based on the theme of Brazilian Africanities, conducted in the first semester of 2024 with a 4th-grade class in the early years of Elementary School at a State School in São Paulo, located in the city of Bauru. A total of four sessions were held with a group of 32 children during physical education classes. The main objective of this study is to identify and understand the educational processes that stem from an intervention focused on valuing Brazilian Africanities in physical education classes in the early years of Elementary School. The specific objective is to understand how the teaching of Africanities in physical education classes contributes to students' appreciation and understanding of the diversity within African and Afro-Brazilian culture. As a qualitative study, data collection was carried out through field diaries recorded during each session and initial and final interviews in the form of questionnaires. The results yielded two categories that represent the children's perspectives on Brazilian Africanities and the content covered during the intervention classes. Based on these results, it was possible to compare initial and final interview data, as well as the events and reflections recorded by the researcher in the field diaries.

Keywords: Africanities; Physical Education; School.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Apresentação da pesquisa para as crianças.....	27
Figura 2 – Preenchendo o TALE	28
Figura 3 – Livro: Os tesouros da Monifa	29
Figura 4 – Carta da Monifa escrita à mão	29
Figura 5 – Queima das cartas	30
Figura 6 – O baú de tesouros das crianças.....	31
Figura 7 – Atabaque no Centro da Roda.....	32
Figura 8 – A capoeira	33
Figura 9 – O mungunzá.....	33

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Características dos estudos incluídos na revisão sistemática da literatura	16
Quadro 2 – Perfil das crianças participantes da pesquisa	24
Quadro 3 – Plano de aula do primeiro encontro da intervenção	27
Quadro 4 – Plano de aula do segundo encontro da intervenção.....	28
Quadro 5 – Plano de aula do terceiro encontro da intervenção	31
Quadro 6 – Plano de aula do quarto encontro da intervenção	32

LISTA DE SIGLAS

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia Estatística

TALE – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 – AFRICANIDADES NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA	16
1.1 Ano de publicação e Natureza dos trabalhos.....	18
1.2 Objetivos dos Estudos.....	19
1.3 Participantes e contexto do estudo.....	20
1.4 Conclusões dos Estudos	21
CAPÍTULO 2 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	23
2.1 Participantes da Pesquisa	23
2.2 Instrumentos de coleta de dados.....	25
2.3 Proposta Didático Pedagógica.....	26
2.4 Análise de dados.....	34
CAPÍTULO 3 - RESULTADOS E DISCUSSÕES	35
A) “Não importa você ser branco, negro, pardo ou indígena, você tem um pouco de África nas suas veias!”	35
B) “A gente aprende sobre o mundo, eu também amo estudar sobre a África”	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	48
APÊNDICES	
A. Ofício de Apresentação.....	51
B. Termo de Assentimento Livre e Esclarecido	52
C. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	54
D. Questionário Roteiro Inicial	56
E. Questionário Roteiro Final.....	57

INTRODUÇÃO

Início explicitando sobre o que me motivou a pesquisar sobre o tema africanidades e o seu ensino dentro da escola. Durante a graduação, no ano de 2022, fiz parte de um projeto de extensão universitária, vinculado ao Departamento de Educação Física, intitulado “Brincando e Dialogando”.

O citado projeto tem o objetivo de propor vivências dialogadas e manifestações lúdicas com ênfase nas culturas africanas, afro-brasileira e indígenas, baseando-se na Pedagogia Dialógica de Paulo Freire e é realizado em uma escola pública estadual de São Paulo, localizada no município de Bauru, com estudantes do primeiro ao quinto ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Durante a minha jornada neste projeto eu conheci pessoas incríveis, aprendi sobre diversas culturas e cultivei meu amor pela licenciatura, mas foi um acontecimento desagradável que me fez enxergar a real importância e necessidade do ensino-aprendizagem sobre a cultura africana e afro-brasileira dentro das escolas.

Durante uma entrevista com os funcionários da escola, em busca de levantarmos o tema gerador para o planejamento de aulas tendo como referencial teórico-metodológico a Pedagogia Dialógica (Freire, 2002), entrevistei uma pessoa que se sentiu confortável para criticar a existência e a necessidade do projeto do qual eu fazia parte e suas falas eram carregadas de racismo e violência. Depois desse momento desagradável eu entendi de fato a importância de o educador abordar, com respeito e qualidade, conteúdos sobre as culturas africanas e afro-brasileiras dentro do contexto escolar.

Este acontecimento não deve ser tratado como trivial ou visto como um fato isolado de sentidos, pois ele retrata uma realidade e representa um contexto, que é responsável pela existência de diversas discussões sobre o racismo na comunidade escolar. É pontuado por Cavalleiro; Henriques (2005, p.11), que existe uma tensão ao se discutir sobre “[...] o papel que a escola realmente tem desempenhado na reprodução do racismo e o papel que deveria desempenhar no combate ao racismo”.

Entendemos que a sociedade possui um papel crucial para com a propagação do racismo, principalmente quando divulga e visibiliza representações positivas de um determinado grupo social em detrimento de outros. Isso é explicitado por Silva (2005) ao se tratar da representação (ou falta dela) da cultura africana e afro-brasileira dentro dos livros didáticos e o impacto que isso gera nos alunos:

A invisibilidade e o recalque dos valores históricos e culturais de um povo, bem como a inferiorização dos seus atributos adscritos, através de estereótipos, conduz esse povo, na maioria das vezes, a desenvolver comportamentos de auto rejeição, resultando em rejeição e negação dos seus valores culturais e em preferência pela estética e valores culturais dos grupos sociais valorizados nas representações. (p.22)

O ensino de africanidades dentro do contexto escolar é essencial. O ambiente escolar reflete as carências e as potencialidades da nossa sociedade, visto que os alunos expõem e demonstram conhecimentos de sua realidade, que são adquiridos através de suas vivências. Cardoso (2000), diz que “O racismo e a ignorância andam de mãos dadas (p.9)” e fala que para combatê-lo é necessário diálogo aberto e rico em informações. E também estabelece a responsabilidade da educação para a superação do racismo, entendendo essa como “[...] um dos terrenos decisivos para que sejamos vitoriosos nesse esforço (p.10)”.

O Brasil da atualidade reflete diversos preconceitos para com as pessoas e a cultura de matriz africana, herança histórica de séculos de escravização do povo negro, e isso transparece nas relações Inter e intrapessoais dentro da sala de aula. Entendemos a ideia de preconceito elucidada por Sant’ana (2005):

Preconceito é uma opinião preestabelecida, que é imposta pelo meio, época e educação. Ele regula as relações de uma pessoa com a sociedade. Ao regular, ele permeia toda a sociedade, tornando-se uma espécie de mediador de todas as relações humanas. Ele pode ser definido, também, como uma indisposição, um julgamento prévio, negativo, que se faz de pessoas estigmatizadas por estereótipos. (p.62)

Tendo em vista os conteúdos já apresentados entendemos a extrema necessidade de abordar conteúdos de matrizes africanas e afro-brasileiras para uma melhor compreensão dessas culturas, como forma de combate ao preconceito e desinformação.

Ao dizer africanidade estamos nos referindo a definição explicitada por Silva (2005, p.155), que se trata sobre a cultura africana presente nas raízes da cultura brasileira, referindo-se ao modo de ser e viver dos negros brasileiros e, também das marcas culturais africanas que estão presentes no cotidiano da população brasileira, independentemente da origem étnica.

A africanidades brasileiras superam o conceito de dados e eventos materiais, Silva (2005, p.156) e “[...] se constituem nos processos que geraram tais dados e eventos, hoje incorporados pela sociedade brasileira. Também se constituem nos valores que motivaram tais processos e dos que deles resultaram”.

Para tanto, entendemos que as africanidades brasileiras devem ser trabalhadas dentro do contexto escolar, e de acordo com Silva (2005):

[...] estudar as Africanidades Brasileiras significa tomar conhecimento, observar, analisar um jeito peculiar de ver a vida, o mundo, o trabalho, de conviver e de lutar pela dignidade própria, bem como pela de todos descendentes de africanos, mais ainda de todos que a sociedade marginaliza. Significa também conhecer e compreender os trabalhos e criatividade dos africanos e de seus descendentes no Brasil, e de situar tais produções na construção da nação brasileira (p.156).

A realidade escolar necessita de uma intervenção educativa para que o ensino-aprendizagem, de crianças e adolescentes, aborde conteúdos ricos em africanidades através de uma aprendizagem integrada, buscando a promoção de conhecimento sobre as culturas de matrizes africanas.

Essa aprendizagem será decorrente de processos educativos que ocorrem, de acordo com Gonçalves Junior, Carmo e Corrêa (2015):

[...]em uma relação mútua de aprendizagem e não só em uma situação em que um ensina ao outro, tendo como pressuposto fundamental para seu desenvolvimento o diálogo equitativo e a intencionalidade dirigida para a cooperação, superação, o ser mais, demandando autonomia, possibilidade de decisão e de transformação. Tais condições permitem aos envolvidos compreender em contexto, valores e códigos do grupo, da comunidade e da sociedade em que vivem, tendo a possibilidade de refletir criticamente sobre sua própria condição de pertencimento ao mundo com os outros, educando e educando-se, tornando-se pessoas. (p.176-177).

O estudo do legado africano é indispensável, tanto pelo combate ao racismo e a desigualdade racial como para a conscientização de que a sociedade brasileira é embasada em um modelo eurocêntrico que usufrui de uma herança escravocrata que perdura desde os mais de quinhentos anos a escravização e colonialidade de povos.

A colonialidade, de acordo com Quijano (2009), trata-se da “imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo como pedra angular do referido padrão de poder”. Isso quer dizer que existe um determinado povo que é tipo como padrão, agindo com superioridade nas mais diversas camadas da existência social, sobrepujando a cultura e a realidade de diversos povos que não se encaixam como prioridade dentro dessa classificação.

Então, considerando a relevância do ensino de africanidades, dentro do contexto escolar, visto que a colonialidade e a desigualdade racial permeia na nossa sociedade, entendemos que de acordo com Silva (2009, p.46) esse ensino se trata:

[...] tanto pelas heranças – conhecimentos, valores, tecnologias, tradições religiosas – transportadas pelos escravizados, em seus corpos saberes, sentimentos, espiritualidade, durante quatro séculos, como pelas recriações

dessas heranças e pela constituição de novas formas para o ser, viver, conhecer.

Entendo a importância e a responsabilidade do/a professor/a de educação física com o ensino-aprendizagem das culturas de matrizes africanas dentro do contexto escolar. E busco, através desta pesquisa, promover a valorização das africanidades brasileiras através de uma intervenção pedagógica pautada em africanidades, dentro das aulas de educação física, buscando uma maior compreensão dos/as educandos/as para com a diversidade das culturas africanas e afro-brasileiras.

O objetivo central desse estudo é identificar e compreender os processos educativos que decorrem de uma intervenção pautada na valorização das africanidades brasileiras nas aulas de educação física nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Para tanto o objetivo específico é entender como o ensino de africanidades nas aulas de educação física contribuem para a valorização e compreensão dos/das alunos/alunas sobre a diversidade da cultura africana e afro-brasileira.

Para isso, foi realizado uma intervenção como proposta didático pedagógica se baseando nas africanidades brasileiras em diferentes vertentes, como a contação de histórias, a capoeira e a culinária. Essa intervenção foi dividida em quatro encontros e realizada nas aulas de educação física de uma turma do quarto ano dos Anos Iniciais. E contou com questionários e diários de campo como ferramentas de coleta de dados.

Também foi realizado uma revisão sistemática de literatura sobre o tema das africanidades brasileiras nas aulas de educação física. Visando entender o que a literatura nos fornece sobre as pesquisas já realizadas com essa temática.

CAPÍTULO 1

AFRICANIDADES NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA

Buscando identificar e caracterizar a produção acadêmica-científica sobre a temática das africanidades brasileiras nas aulas de educação física na escola, foi realizado uma busca sobre essa temática em algumas bases de dados de trabalhos acadêmicos e devolvido uma revisão sistemática de literatura a partir dos estudos encontrados.

Para a realização da revisão sistemática da literatura, foram utilizadas as seguintes palavras chaves: “africanidades”, “educação física”, “educação física escolar”. Um dos critérios de inclusão foi o de produção recente, com recorte temporal entre 2019 e 2023. A literatura utilizada foram artigos e trabalhos acadêmicos. A busca por esses trabalhos se deu nos bancos de dados SciELO, Google Acadêmico, Periódicos da CAPES e Repositório UNESP.

Como critério de exclusão foram descartados trabalhos que não possuíam enfoque nas aulas de educação física escolar e também nas africanidades brasileiras.

O Quadro 1 apresenta as principais informações dos 8 estudos inclusos na revisão sistemática de literatura, separados por título, autores, objetivo do estudo, natureza, ano de publicação e nível de ensino. E está organizado em ordem alfabética de acordo com o autor principal.

Quadro 1 – Características dos estudos incluídos na revisão sistemática da literatura

Nº	Título	Autores	Objetivo(s)	Natureza e ano de publicação	Nível de ensino
1	Africanidades Brasileiras na Educação Física Escolar	BATISTA, C. S.; COSTA, R. A.	Investigar a presença do tema Educação para Relações Étnico-Raciais e Educação Física Escolar na produção de artigos em revistas e periódicos científicos, da área 21 do CNPQ, da Educação Física.	Trabalho de Conclusão de Curso, 2019.	Não especificado

2	AFRICANIDADE E AFROBRASILIDADE EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.	CRELIER, C. M.; SILVA, C. A. F. da.	Examinar as representações de professores e alunos de uma escola localizada no município do Rio de Janeiro sobre relações étnico-raciais e a aplicação da Lei 10.639/03 nas aulas de Educação Física Escolar.	Artigo, 2019.	8º ano do ensino fundamental.
3	Educação física e cultural e africanidades: exu, saberes e encruzilhada.	REIS, R. dos.; NEIRA, M. G.	Compreender como as/os estudantes significam as práticas corporais de matriz afro-brasileira abordadas nas aulas de Educação Física.	Artigo, 2021.	8º e 9º ano do Ensino Fundamental.
4	Educação Física e Cultural e africanidades: entre decolonialidades, Exu e encruzilhadas	REIS, R.	Compreender como as/os estudantes significam as práticas corporais de matriz afro-brasileira, quando tematizadas nas aulas de Educação Física.	Dissertação de Mestrado, 2021	Não especificado.
5	A África pra gente.	ROCHA, S. D. e S.; UGAYA, A de S.	Identificar e compreender processos educativos decorrentes de uma intervenção com elementos culturais de matrizes africanas nas aulas de educação física.	Artigo, 2020.	5º ano do ensino fundamental.
6	Africanidades na educação física.	RODRIGUES, R. C.	Desenvolver uma proposta pedagógica para a valorização das africanidades nas aulas de educação física; identificar e analisar as possibilidades e os desafios de professoras de educação física	Dissertação de Mestrado, 2023.	5º ano do ensino fundamental.

			para o desenvolvimento das africanidades.		
7	DANÇAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO ENSINO FUNDAMENTAL E AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: Desafios e possibilidades	SIQUEIRA, L. T.	Contribuir para a formação discente fundamentada em saberes advindos das culturas de matriz Afro-Brasileira e Africana por meio das Danças.	Dissertação de Mestrado, 2023.	5º ano do Ensino Fundamental.
8	Educação para as relações étnico-raciais: uma proposta de ensino para a Educação Física escolar	PEREIRA, S.F., e LEMOS, F.R.M.	Apresentar uma proposta de ensino para o desenvolvimento das relações étnico-raciais nas aulas de Educação Física, a fim de discutir junto com os/as educandos/as questões ligadas a cultura afro-brasileira e africana.	Artigo, 2021.	Não especificado.

A análise dos estudos encontrados acima será realizada através das seguintes categorias: Ano de publicação e Natureza dos trabalhos; objetivos dos estudos; Participantes e contexto do estudo; Conclusões dos trabalhos.

1.1 Ano de publicação e Natureza dos trabalhos

A partir desta revisão de literatura foram encontrados, ao todo, oito trabalhos que contemplam a temática de africanidades nas aulas de educação física escolar. Esses trabalhos são compostos por quatro artigos, um trabalho de conclusão de curso e três dissertações de mestrado publicadas entre os anos 2019 e 2023.

Apesar de se tratar de uma revisão de literatura de produções recentes é possível notar que em 2019, primeiro ano do recorte temporal da pesquisa, foi encontrado um trabalho de conclusão de curso e um artigo. E no ano seguinte, 2020 foi encontrado apenas um artigo sobre a temática das africanidades na educação física escolar.

O ano de 2021 foi o ano com maior incidência de trabalho, sendo eles dois artigos e uma dissertação de mestrado. Importante ressaltar que o artigo publicado esse ano é desenvolvido pelo mesmo autor de uma das dissertações de mestrado.

Em contra partida, no ano de 2022 não foi encontrado nenhum trabalho sobre essa temática durante a pesquisa de revisão de literatura. E para finalizar, 2023 contou com duas dissertações de mestrado.

É possível analisar que de 2019 até 2021 possuímos uma maior incidência de artigos, visto que os dois anos seguintes não houve a presença de artigos referentes a temática abordada nesse trabalho. As dissertações de mestrado também se mostraram presentes a partir de 2021, sendo ausentes nos anos de 2019, 2020 e 2022.

1.2 Objetivos dos Estudos

Em relação aos objetivos dos estudos apresentados nessa revisão de literatura, foi possível analisar os propósitos mais recorrentes envolvendo as africanidades e a educação física escolar.

Podemos separar os estudos em alguns objetivos em comum, divido-os assim em pequenas categorias. Como exemplo, tanto os artigos de Rocha e Ugaya (2020) e, Reis e Neira (2021) como as dissertações de mestrado Reis (2021) e Siqueira (2023) possuem objetivos de entender/identificar a significação e relevância das práticas corporais de matriz afro-brasileiras pelos(as) estudantes dentro das aulas de educação física

Mas também temos o exemplo do artigo desenvolvido por Pereira e Lemos (2021) e as dissertações de mestrado de Siqueira (2023) e Rodrigues (2023), que ambos trabalham com o objetivo de apresentar/desenvolver uma proposta pedagógica acerca das relações étnico-raciais nas aulas de educação física. Cada um com suas peculiaridades, se tratando do artigo de Pereira e Lemos (2023), cujo objetivo geral é a apresentação dessa proposta pedagógica, ele entende esse momento como uma possibilidade de discutir com as(os) alunos(as) sobre questões acerca da cultura africana e afro-brasileira.

No caso de Siqueira (2023), a proposta pedagógica se dá como um objetivo específico, buscando utilizar-se da unidade temática dança, durante as aulas de educação física, para trabalhar questões antirracistas. Rodrigues (2023) promove a proposta pedagógica como um objetivo geral e específico, sendo o específico a produção de um livro como material educacional que problematiza questões sobre às africanidades, promovendo uma educação para valorizá-las.

Os trabalhos de Batista e Costa (2019) e Siqueira (2023), possuem objetivos

específicos de investigar na literatura a presença de temas como educação para as relações étnico-raciais e africanidades brasileiras no âmbito da educação física. No caso de Siqueira (2023), essa pesquisa se especifica mais para a dança dentro da educação física escolar.

Para finalizar temos os trabalhos de Crelier e Silva (2019), que buscam examinar professores(as) e estudantes das escolas, entendendo as possibilidades e dificuldades acerca da temática das relações étnico-raciais e das africanidades brasileiras nas aulas de educação física.

1.3 Participantes e contexto do estudo

Primeiramente será tratado trabalhos desenvolvidos através de pesquisa de campo, onde o pesquisador se colocou como professor ou onde sua intervenção foi aplicada e estudada.

Temos os trabalhos de Reis (2021) e Reis e Neira (2021) que trata de uma prática docente que ocorreu em uma escola de aplicação da faculdade de educação da Universidade de São Paulo, durante o terceiro trimestre de 2018 e primeiro trimestre de 2019, com duas turmas de 7º ano do Ensino Fundamental. E contou com atividades sobre as africanidades presentes nas danças de matrizes afro-brasileiras como o break, o samba rock e o jongo.

Siqueira (2023) também se utilizou de uma intervenção pedagógica pautada nas danças para apresentar saberes advindos da cultura afro-brasileira. A intervenção foi realizada em uma escola municipal do Rio de Janeiro, com 32 alunos, de uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental, onde as aulas aconteciam duas vezes durante a semana, possuindo uma duração de uma hora.

O trabalho de Rodrigues (2023), também conta com uma intervenção, mas essa foi realizada de maneira colaborativa com duas professoras do componente de educação física. Então para essa pesquisa participaram um total de 56 estudantes distribuídos em duas escolas do município de Bauru. E assim, através das professoras foi desenvolvido a sequência didática presente no livro. Essa sequência didática teve duração de aproximadamente três meses.

Para finalizar as intervenções temos o trabalho de Rocha e Ugaya (2020), onde foi utilizado de elementos culturais de matrizes africanas com uma turma do 5ºano do Ensino Fundamental nas aulas de educação física. A pesquisa aconteceu em uma escola estadual do município de Bauru, totalizou 26 estudantes e suas famílias.

Se tratando de coleta de dados em campo, mas não necessariamente são uma intervenção propriamente dita temos os trabalhos de Crelier e Silva (2019) e Rodrigues (2023), onde podemos perceber que ambos trabalharam com professores, no caso de Crelier e Silva (2019), foi utilizado entrevistas com quatro professores e com alunas do 8º ano do Ensino Fundamental através de um grupo focal, importante ressaltar que antes dessas entrevistas foi realizado uma observação de seis aulas com o intuito de observar o grupo que se estava trabalhando. Já Rodrigues (2023), teve como participantes também, duas professoras de educação física, com o intuito de desenvolver, com o auxílio dessas professoras e dos(as) estudantes, o livro com sua proposta pedagógica e aplicá-lo em duas escolas municipais.

Ainda se tratando de produção de proposta pedagógica, temos Pereira e Lemos (2021), que elaborou uma proposta com base em jogos e brincadeiras da cultura africana e afro-brasileiras de maneira flexível, podendo ser adaptada de acordo com a idade da turma a qual se está trabalhando.

Os trabalhos de Siqueira (2023) e Batista e Costa (2019), se utilizaram da revisão bibliográfica para promover um diálogo entre a literatura e o ensino das práticas corporais africanas e afro-brasileiras. Dentre outras, foi utilizado como banco de dados de pesquisa artigos publicados em diversas revistas como Movimento, Pensar a Prática e Revista Brasileira de Ciência do Esporte. Importante ressaltar que no caso de Siqueira (2023), a pesquisa no banco de dados tomou um caráter mais centrado nas danças ao se tratar das relações étnico-raciais no âmbito da educação física escolar.

1.4 Conclusões dos Estudos

Começando as conclusões com Reis e Neira (2021) e Reis (2021), dizendo não conseguir chegar a uma conclusão, mas entendendo como uma possibilidade de aula o trabalho com o pensamento decolonial. E também destaca a produção de significados realizada com os(as) participantes de pesquisa, pois eles(as) conseguiram ressignificar maneiras de apresentar o jongo.

Pereira e Lemos (2021), também se tratam desse ponto ao dizer que é possível contribuir de maneira positiva com o fortalecimento da identidade negras dos(as) educandos através de projetos e propostas pedagógicas sobre a cultura afro-brasileira e as relações étnico-raciais dentro das aulas de educação física escolar.

Rodrigues (2023) e Rocha e Ugya (2020), concluem evidenciando a

possibilidade de mudanças de percepções dos(as) educandos sobre as culturas de matrizes africanas, em um viés de ampliação de conhecimentos. E também entendendo esse processo como uma forma de romper padrões eurocêntricos na educação física escolar.

Por último temos algumas conclusões demonstrando desafios e enfrentamentos, onde Batista e Costa (2019), Rodrigues (2023), Siqueira (2023), Crelier e Silva (2019), evidenciam um despreparo para com a temática das culturas africanas e afro-brasileiras e relações étnico-raciais, esse despreparo se dá tanto no currículo e na gestão escolar, como nos professores, estudantes e familiares. Esse despreparo, fruto de estereótipos e falta de conhecimento sobre a temática.

Pereira e Lemos (2021), também falam sobre a escola como um ambiente racista e discriminatório, e correlaciona essa situação como uma relação de troca mútua, onde os conflitos étnicos presente na sociedade também são os conflitos que se manifestam dentro da escola.

Siqueira (2023), em sua revisão de literatura conclui a existência de uma lacuna sobre a relação da dança com a cultura afro-brasileira nas aulas de educação física. E também afirma não haver cobrança para com a implementação da Lei 10.639/03 no currículo e práticas docentes.

CAPÍTULO 2

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Se trata de uma pesquisa qualitativa que em acordo com Bogdan e Biklen (1994, p. 47-51), o contexto é a fonte direta de recolha de dados, o que implica que “Para o investigador qualitativo divorciar o ato, a palavra ou o gesto do seu contexto é perder de vista o significado (p.48)”, ou seja, o significado que as pessoas atribuem ao fenômeno investigado é de importância vital para a pesquisa qualitativa, pois “Ao apreender as perspectivas dos participantes, a investigação qualitativa faz luz sobre a dinâmica interna das situações, dinâmica esta que é frequentemente invisível para o observador exterior (p.51)”.

Desta forma realizamos pesquisa bibliográfica e de campo a qual envolveu inserção em uma instituição escolar para desenvolvimento de uma sequência didático-pedagógica dividida em quatro encontros pautados nas africanidades brasileiras. Cada encontro buscou abordar as africanidades brasileiras em suas diversidades, além da utilização da contação de história para contextualizar os conceitos de africanidades.

Essa pesquisa contou com a participação de uma turma de estudantes do quarto ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental de uma escola pública da Rede Estadual de São Paulo, situada no município de Bauru.

Através da coleta de dados, será realizada uma análise qualitativa visando buscar a contribuição do processo de ensino das africanidades no decorrer das aulas para com a valorização da cultura afro-brasileira. Os dados serão separados e comparados para identificar a existência de alguma alteração no conhecimento declarativo dos participantes e suas relações com as atividades propostas.

2.1 Participantes da Pesquisa

O grupo de participantes da pesquisa foi composto por uma turma de 31 alunos(as) do quarto ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, de uma escola pública da Rede Estadual de São Paulo do município de Bauru.

Após apresentar a pesquisa à instituição (Apêndice A) e explicar como seriam os próximos encontros, foi entregue o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) (Apêndice B) para as crianças preencherem e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice C), para as crianças levarem para seus

responsáveis.

A seguir teremos o quadro de apresentação do perfil das crianças participantes da pesquisa, alunos(as) do quarto ano do Anos Iniciais do Ensino Fundamental, baseados no nome fictício que foi escolhido pela própria criança ou pela educadora em caso de não preenchimento, idade e pela auto declaração de identidade de gênero e raça. O nome fictício foi adotado como forma de preservar a identidade da criança, a professora de educação física que acompanhou as aulas também recebeu um nome fictício.

Quadro 2 – Perfil das crianças participantes da pesquisa

Nome Fictício	Idade	Identidade de Gênero	Identidade Racial
Larissa Gabrielly	9	Menina	Um pouco negra eu acho que eu sou morena
Shuri	9	Menina	Negra
Beyoncé	9	Menina	Parda
Sininho	9	Menina	Indígena
Banana Super Picanha	9	Menino	Negro
Mbappé Junior	8	Menino	Negro
Uma pessoa qualquer	9	Menino	Branco
Kokuchibo	9	Menino	Branca Amarelo
Anna Castella	9	Mulher	Parda
Barão	9	Menina	Branco
Hermione	9	Menina	Branca
Zoro Tatibana	9	Menino	Africano
Void	9	Menino	Branco
Amore*	-	-	-
Ana Castela	8	Menina	Branca
Emily Vick	9	Menina	-
Boyk	9	Menino	Pamdo
Super Aranha	10	Menina	Pardo
Mizuki	9	Menina	Parda e Indígena
Julia	9	Menino, Menina	Negro

Mel	8	Menina	Negra
Monquede Luffy	9	Menino	Pardo
Emenel	8	-	-
Tio Nike	9	Menino	Negro
Lafu Lafuné Lafé	9	Macho alfa/Menino	Branco e brasileiro
Naruto Zumaqui	9	Menino	Indígena
Foster*	-	-	-
Bruna	9	Mulher	Parda
Velma Camilla Cabelo	9	Menina	Branca e Parda
Thatiane	9	Menina	Branco

*Legenda: - significa que a criança não preencheu; * nome fictício escolhido pela educadora.

2.2 Instrumentos de coleta de dados

Os instrumentos de coleta de dados utilizados e considerados para esta pesquisa foram os questionários (inicial e final), bem como, os diários de campo que de acordo com Bogdan e Biklen (1994, p. 150) é o “relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha e refletindo sobre os dados de um estudo qualitativo”.

O diário de campo é apontado por Bogdan e Biklen (1994, p.149-151) como sendo “[...] um dos mais importantes da pesquisa qualitativa”, que registrarão os comentários interpretados como relevantes durante a aula, fora dos círculos de conversa, e ajudará “[...] o investigador a acompanhar o desenvolvimento do projeto, a visualizar como que o plano de investigação foi afetado pelos dados recolhidos, e a tomar-se consciente de como ele ou ela foram influenciados pelos dados”. Esses dados posteriormente podem ser utilizados para o desenvolvimento de perguntas disparadoras durante as rodas de diálogo.

Os diários de campo foram realizados através do registro das observações da pesquisadora de cada encontro totalizando 4 diários (Apêndice F), cujos trechos serão identificados pela sigla DC seguido do número correspondente (DC-1) no caso do Diário de Campo 1.

O roteiro de perguntas para as crianças que compuseram o questionário, foi

realizado no sentido de obter dados sobre determinado assunto na própria linguagem do sujeito entrevistado, e assim permitindo ao pesquisador entender a maneira como o sujeito compreende o mundo (Bogdan e Biklen, 1994, p.134).

As crianças foram solicitadas a responderem por escrito o roteiro de perguntas (Apêndice D) em dois momentos, sendo o primeiro no encontro inicial, com o intuito de conhecer a turma e como uma avaliação diagnóstica, buscando conhecimentos prévios sobre o assunto da intervenção. E o segundo momento sendo no encontro final, com o intuito de entender o conhecimento e compreensão do assunto após toda a intervenção (Apêndice E). Com o questionário inicial foi obtido 28 registros escritos e no questionário final, 24, ambos tratando sobre o conhecimento das crianças sobre a cultura africana e as africanidades brasileiras.

2.3 Proposta Didático Pedagógica

O plano de aula foi desenvolvido para uma turma do quarto ano dos anos iniciais do ensino fundamental, e realizado no primeiro semestre do ano letivo de 2024. A intervenção durou um período de 4 semanas e contou com várias atividades e vivências sobre as africanidades brasileiras, utilizando-se das aulas de educação física para sua realização.

A intervenção contou com a parceria de uma Escola Estadual do município de Bauru, que permitiu que o desenvolvimento dessa etapa do Trabalho de Conclusão de Curso fosse realizado na instituição, e também da professora de educação física que será referida pelo nome fictício de Nakia, que acolheu com muito carinho a proposta da intervenção em suas aulas.

A seguir acompanhe o quadro com o plano de aula juntamente com a descrição de como ocorreu cada aula.

Quadro 3 – Plano de aula do primeiro encontro da intervenção

Semana 1	Conhecendo as Crianças
Conteúdo	Apresentação do projeto (TCC); Entrega dos termos TALE e TCLE; Entrevista; Conceituação de africanidades.
Objetivos	Apresentar o projeto para as crianças participantes; entregar e recolher o TALE; apresentar inicialmente o conceito de africanidades; avaliar os conhecimentos prévios dos alunos sobre o tema;

Descrição	A aula começará com a apresentação da pesquisadora e do projeto de pesquisa, explicando de onde veio, o que estuda e o que fará durante todo o processo da intervenção; Depois vai ter a entrega dos termos TALE e TCLE, onde a pesquisadora vai auxiliar os alunos a preencher o TALE e instruir a guardar o TCLE e pedir para o/a responsável assinar e trazer na próxima aula; Após isso, a pesquisadora realizará uma breve entrevista escrita, em formato de questionário; Por último terá uma breve explicação do que são as africanidades para finalizar a aula.
Materiais	Folha sulfite com os termos e entrevista;
Coleta de dados	Entrevista inicial sobre africanidades; diário de campo.

Durante o primeiro encontro as crianças ficaram bastante animadas com a minha presença e com a temática do projeto.

A apresentação da pesquisa aconteceu verbalmente, onde as crianças demonstraram bastante curiosidade sobre mim. O preenchimento do TALE e do questionário foi bastante tranquilo.

Figura 1 – Apresentação da pesquisa para as crianças



Fonte: Acervo próprio, 2024.

Figura 2 – Preenchendo o TALE



Fonte: Acervo próprio, 2024.

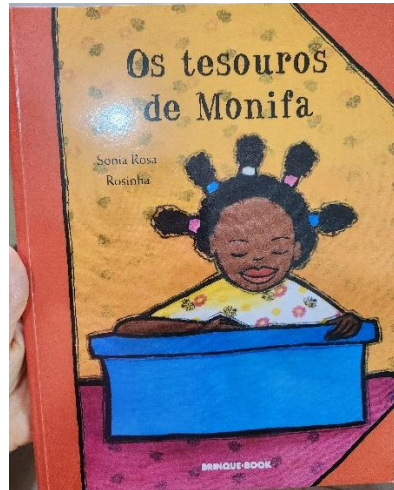
Quadro 4 – Plano de aula do segundo encontro da intervenção

Semana 2	Monifa e Nossos Tesouros
Conteúdo	Retomada do conceito de africanidades; Contação de história “Os tesouros de Monifa”.
Objetivos	Contextualizar as africanidades brasileiras a partir da contação de história;
Descrição	Em quadra acontecerá a contação de história “Os tesouros de Monifa”, onde as crianças receberão a cartinha que a tataraneta de Monifa recebeu, para acompanhar a leitura e permanecer com elas; Será apresentado também um baú de tesouros que representará as africanidades que irão aprender durante as vivências, onde as crianças poderão colocar relatos sobre as aulas; As crianças receberão também papéis para escrever suas considerações sobre as aulas e colocar no baú;
Materiais	Baú de tesouro; Livro “Os tesouros de Monifa”; Cartinhas da Monifa;
Coleta de dados	Diário de campo; Relatos escrito das crianças sobre as aulas.
Referências	ROSA, S. Os tesouros de Monifa . 1 ed. São Paulo: Brinque-Book, 2009

O segundo encontro se baseou na contação da história “Os Tesouros de Monifa” para a contextualização das africanidades brasileiras, pois se trata se de uma história recheada dessa ligação África e Brasil. E contou com a preparação de

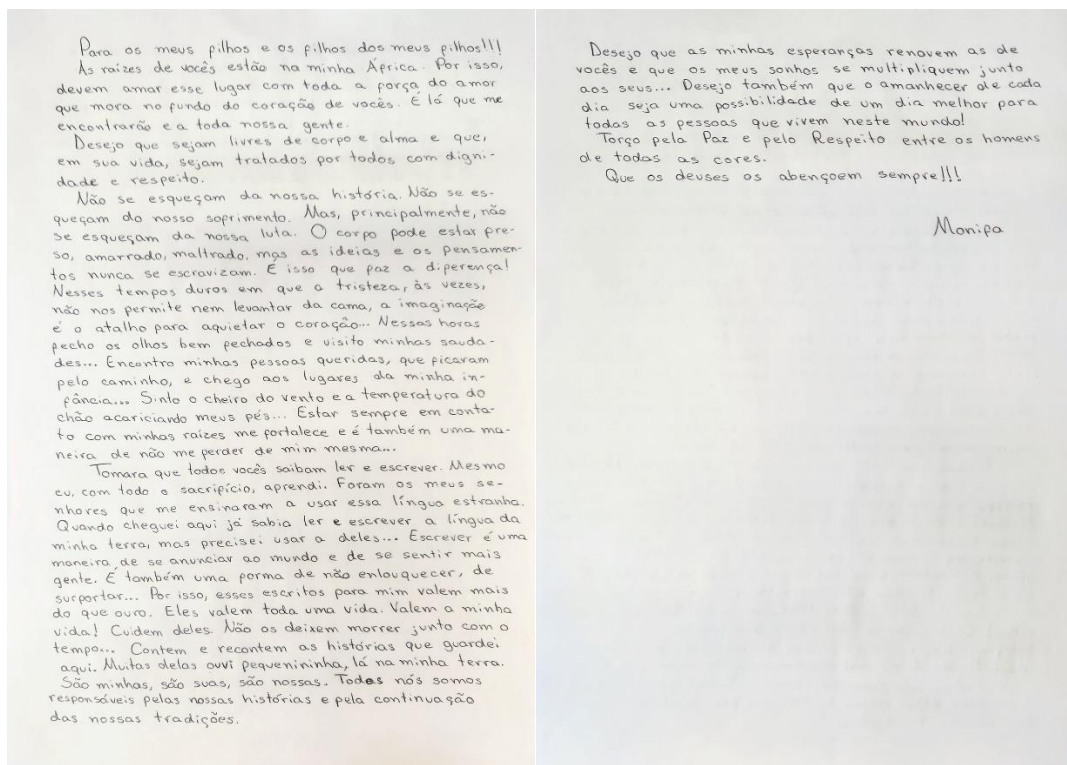
diversos materiais, como a cartinha da Monifa para seus descendentes, e o baú de tesouros.

Figura 3 – Livro: Os tesouros de Monifa



Fonte: Acervo próprio, 2024.

Figura 4 – Carta da Monifa escrita à mão

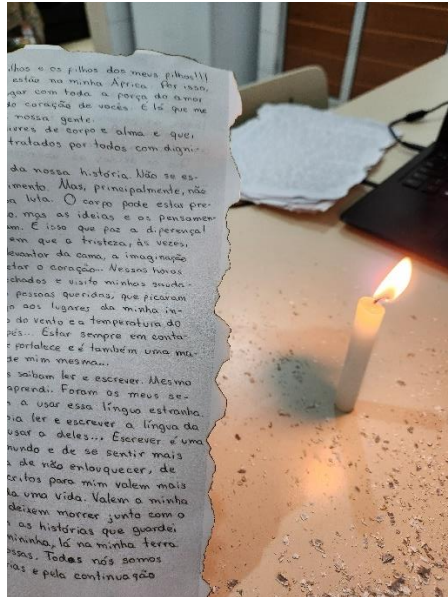


Fonte: Acervo próprio, 2024.

A carta da Monifa é um item que foi retirado da própria história e durante a

produção da carta, que foi escrita à mão e depois realizada a impressão de cópias para todas as crianças. Ocorreu também a queima das bordas de cada uma dessas cartas, com a intenção de demonstrar simbolicamente que se tratava de algo antigo e que mesmo com as dificuldades se mantinham nítido o que estava escrito.

Figura 5 – Queima das cartas



Fonte: Acervo próprio, 2024.

O baú de tesouros também foi uma ideia retirada a partir da história, com o intuito de promover uma valorização dos relatos que as crianças escrevessem durante a intervenção. O baú foi elaborado artesanalmente a partir de papelão, cola, tinta e tecido e esteve presente em três dos quatro encontros da intervenção.

Figura 6 – O baú de tesouros das crianças



Fonte: Acervo próprio, 2024.

Quadro 5 – Plano de aula do terceiro encontro da intervenção

Semana 3	Atabaque no Centro da Roda
Conteúdo	Conceituação e breve história de capoeira; Vivência da capoeira; Experimentação dos instrumentos da capoeira.
Objetivos	Compreender a origem da capoeira e vivenciar os instrumentos musicais característicos da manifestação cultural.
Descrição	A aula começará na quadra com uma roda de conversa sobre a história da capoeira o significado e importância dela, e posteriormente a apresentação dos instrumentos da capoeira; Juntamente com a apresentação ocorrerá a demonstração de um toque básico com cada instrumento. Depois da apresentação terá um momento de vivência com os instrumentos, onde as crianças poderão experimentá-los.
Materiais	Berimbau; Caxixi; Pandeiro; Atabaque.
Coleta de dados	Diário de campo; Relatos escrito das crianças sobre as aulas.
Referências	OLIVEIRA, G. A.; TEIXEIRA, I. M. C. Capoeira. In: CRUZ, A. C. J.; REIS, M. P. A.; SOUZA, E. F. A. (Org.). Metodologias de trabalho em educação das relações étnico-raciais . Assis: Triunfal Gráfica e Editora, 2016, p 7-22.

O terceiro encontro contou com diversas surpresas, pois os alunos participaram ativamente do desenvolvimento desta aula. Tanto durante a contextualização da origem da capoeira como durante a apresentação dos instrumentos.

Figura 7 – Atabaque no Centro da Roda



Fonte: Acervo próprio, 2024.

Quadro 6 – Plano de aula do quarto encontro da intervenção

Semana 4	Capoeira com Gostinho de Mungunzá
Conteúdo	Capoeira; Mungunzá; Entrevista.
Objetivos	Vivenciar a capoeira como um jogo; Experimentar o mungunzá; avaliar os conhecimentos das crianças sobre o tema;
Descrição	Em roda, a pesquisadora ensinará alguns movimentos da capoeira como a ginga, meia lua de frente e cocorinha, e uma sequência para eles tentarem fazer em conjunto. Depois, ainda em roda, os alunos, em duplas, vivenciaram a capoeira como um jogo através dos movimentos aprendidos. Logo após será um momento de experimentação do prato mungunzá juntamente com a explicação sobre sua origem. Por fim, será realizada a entrevista final buscando compreender o conhecimento adquirido pelas crianças durante a intervenção.
Materiais	Mungunzá caseiro, prato culinário de origem afro-brasileira; Canela em pó; Copo descartável; Colher descartável; Folha de sulfite para a entrevista em formato de questionário.
Coleta de dados	Entrevista final sobre africanidades; diário de campo; Relatos escrito das crianças sobre as aulas.

Referências	COSTA, F.C. et al. Variações gastronômicas do munguzá ao percorrer o Brasil: estudo bibliográfico. Nutrivisa . v.10:e10513.2023.
--------------------	---

O último encontro foi a continuação da temática da capoeira, dessa vez a vivência do jogo propriamente dito, e também a experimentação do mungunzá caseiro.

Figura 8 – A capoeira



Fonte: Acervo próprio, 2024.

Figura 9 – O mungunzá



Fonte: Acervo próprio, 2024.

O mungunzá no último encontro teve o intuito de mostrar que as africanidades estão presentes na culinária brasileira, mas também de aproximar e causar uma impressão afetiva sobre a temática através do alimento.

2.4 Análise de dados

A princípio foi realizada a transcrição das respostas das entrevistas inicial e final, buscando manter a grafia das crianças, fazendo apenas correções pontuais para facilitar a compreensão do leitor para com as informações.

Os diários de campo também foram transcritos e enriquecidos através de anotações e transcrição de áudios que foram gravados durante e depois das aulas.

Com todos os dados transcritos e organizados começou, de fato, a fase de análise de dados, onde foi utilizado a separação de dados por categorias, seguindo os preceitos de Gomes (1994), que se trata de uma análise que busca encontrar semelhanças nos dados e assim formular categorias agrupando dados que conversem entre si.

Pra a elaboração dessas categorias foi necessária um estudo minucioso dos dados coletados tanto nas entrevistas como nos diários de campo. Assim, foi possível analisar e perceber congruências nos dados e ir grifando essas semelhanças.

Após grifar todos os dados, foi necessário realizar diversas filtragens, agrupando dados parecidos e separando dados que não se relacionassem, buscando reduzir as categorias. Para que assim, cada categoria tivesse suas próprias características que a diferenciasse da outra, visto que um mesmo dado não pode pertencer a mais de uma categoria.

Cada categoria foi desenvolvida e estudada através dos dados coletados no começo e no final da intervenção. E também contou com as divergências presentes nos resultados. A seguir é possível conferir as categorias e resultados, juntamente com reflexões das análises.

CAPÍTULO 3

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste presente estudo foi utilizada a estratégia de elaboração de categorias como procedimento de análise. Esse método consiste em, de acordo com Gomes (1994, p.70), “agrupar elementos, ideias ou expressões em torno de um conceito capaz de abranger tudo isso”. Ou seja, se trata de uma forma de organização e agrupamento de dados que possuem características em comum.

A partir da análise e reflexão sobre os dados coletados houve a elaboração de duas categorias que são: **A) “Não importa você ser branco, negro, pardo ou indígena, você tem um pouco de África nas suas veias!”**; **B) “A gente aprende sobre o mundo, eu também amo estudar sobre a África”**. Categorias essas que serão desenvolvidas a seguir:

A) “Não importa você ser branco, negro, pardo ou indígena, você tem um pouco de África nas suas veias!”

Essa categoria vai abordar questões de pertencimento e conexão com a cultura africana em uma perspectiva de herança afro-brasileira. Então, aqui estará presente os resultados referentes as conexões África e Brasil como uma identidade cultural.

Durante a análise de dados foi possível notar que algumas crianças se referiam as africanidades e a cultura afro-brasileira entendo-as como pertencentes a si, como herança cultural.

E assim, durante as falas em aula e também as respostas das entrevistas foi possível notar uma essência correspondente a esse pertencimento demonstrado pelas crianças em relação a cultura africana.

Então, durante a entrevista inicial, realizada na primeira aula, quando foi perguntado “Como brasileiros e brasileiras o que vocês acham de estudar sobre a África?” nove crianças responderam de forma a demonstrar um pertencimento e conexão cultural entre a África e o Brasil, como é possível ver a seguir em trechos extraídos do questionário da entrevista inicial:

“Eu acho tudo muito interessante saber sobre minha cultura ainda mais porque eu me interessei tanto que virei escritora”. (Shuri).

“Eu acho muito interessante também porque é legal pra gente aprender sobre a nossa cultura e também aprender a respeitar os africanos com todo carinho e eu agradeço as Professoras por nós ensinar”. (Beyoncé).

“Muito legal, muito daora, interessante por que a gente aprende de coisas do

brasil que é também da africa tipo feijoada o bolo de fubá e muito mais!” (Uma pessoa qualquer).

“Legal importante pois esta na nossa cultura.” (Kokuchibo).

“Muito legal porque eles estão na nossa cultura e porque a gente aprende novas coisas” (Anna Castella).

“Super importante!! Porque nós temos matriz africana, não importa você ser branco, negro, pardo ou indígena, você tem um pouco de africa na suas veias!” (Hermione).

“Legau: Porque a cultura um pouco aqui e ali” (Zoro Tatibana).

“Ótimo muito legal tenho descendência africana e interesse por curiosidades línguas, Países e etc...” (Mel).

“Muito interessante, pois aprendemos sobre nossa ancestralidade e a história do mundo.” (Velma Camilla Cabelo).

Nessa primeira pergunta também foi possível perceber uma resposta divergente em comparação com as respostas das demais crianças, pois se trata de um relato onde a aluna Larissa Gabrielly diz que aprender sobre a África é aprender sobre coisas que não fazem parte de sua cultura, é importante se atentar que essa criança durante o preenchimento de seus dados, na categoria identidade racial, escreveu o seguinte: “Um pouco negra eu acho que eu sou morena”. E chamo atenção para essa criança em específico, porque juntamente com a resposta da pergunta temos uma vivência relatada por ela, como é possível acompanhar a seguir:

“Eu acho muito legal aprender sobre a africa porque agente aprende mais coisas que não é da nossa cultura e é muito interessante porque também agente aprende coisas que eu nem sabia que existia.
E as vezes eu fico triste porque meus irmãos me chamam de macumbeira porque eu canto as musica da africa!” (Larissa Gabrielly).

Ainda sobre a primeira questão, mas se tratando agora de um relato da educadora responsável pela intervenção retirado do primeiro diário de campo que descreve esse momento de explicação sobre a questão número um do questionário de entrevista ela descreve o seguinte:

Na primeira questão da entrevista eles falaram que era legal, mas não entenderam direito a parte do “como brasileiros e brasileiras”, alguns entenderam e outros não. (DC-1)

Essas respostas demonstram que já na primeira aula algumas crianças possuíam uma noção de pertencimento em relação a cultura africana, e outras não entendiam essa conexão, as vezes até afirmando se tratar de algo que “não é da nossa cultura”.

Já na segunda pergunta do questionário de entrevista inicial, que questiona se “Você sabe o que são africanidades brasileiras? Se sim, o que são?” obtivemos o total de três respostas pertencentes a essa categoria, que foram:

“Eu acho que é ligado herança unidos que as pessoas da africa são pessoas unidas” (Larissa Gabrielly).

“São coisas do Brasil com influência Africana.” (Shuri).

“São quando os escravizados da africa trouxe suas ancestralidade para cá e isso é conhecido como afro-brasileiro.” (Mizuki).

Essas respostas demonstram o conhecimento sobre a relação cultural entre a África e o Brasil e o uso de expressões como “herança”, “influência” e “ancestralidade” reforçam o sentido de pertencimento a cultura afro-brasileira.

Agora, se tratando do questionário de entrevista final, onde no último encontro da intervenção foi realizado as mesmas perguntas para as crianças. Para a pergunta “Como brasileiros e brasileiras o que vocês acham de estudar sobre a África?”, obtivemos um total de dez respostas, uma a mais do que na entrevista inicial. Sendo elas:

“Eu gostei de aprender sobre a africa eu acho que me representa muito.” (Larissa Gabrielly).

“Eu acho importante estudar sobre a África porque nós podemos saber sobre nossos antepassados.” (Shuri).

“Eu acho muito bom a gente saber sobre a nossa cultura e pelo o que eles passaram e agradeço as professoras por nós ensinar.” (Beyoncé).

“Eu acho que sim! Porque nós podemos ter a ancestralidade africana, que nem a gente sabia.” (Hermione).

“Legal porque senpre na tem um pouquinho ali pra aqui.” (Zoro Tatibana).

“Sim! Pois nós aprende comidas! roupas e ancestralidade.” (Mizuki).

“Sim, Porque agente tem o sangue deles eles sofreram muito Racismo!” (Mel).

“Sim, muito legal porque nos sabemos quem e nossa ancestralidade.” (Lafu Lafuné Lafé).

“É muito importante trabalhar sobre a África, eles já estão no meu sangue.” (Naruto Zumaqui).

“Muito legal, pois podemos saber sobre nossa ancestralidade.” (Velma Camilla Cabelo).

É interessante notar que quatro crianças surgiram nessa categoria a partir da segunda entrevista, dentre essas quatro que apareceram nessa categoria temos a

criança Larissa Gabrielly, que primeiramente apareceu com uma resposta que divergia das outras, pois não relacionava a África como pertencente a sua cultura. E nessa entrevista final temos a expressão “me representa muito” para se referir a África.

O termo “ancestralidade” também foi bem presente nas respostas dessa pergunta, aparecendo em quatro respostas dessa forma e em uma como: “nossos antepassados”. O que reforça a ideia de pertencimento e herança presente como essência dessa categoria.

Na segunda questão da entrevista final que pergunta: “Você sabe o que são africanidades brasileiras? Se sim, o que são?”, foi obtido seis respostas, que representam o dobro em comparação com as respostas a segunda questão na entrevista inicial referente a essa categoria. Essas respostas foram:

“Eu sei é a história dele, e o que eles deixaram para gente.” (Beyoncé).

“Que são descendentes.” (Banana Super Picanha).

“Sim, são os tesouros africanos e afro-brasileiros.” (Hermione).

“Tem coisas que vieram de la pra ca.” (Zoro Tatibana).

“Sim, são afro-brasileiros que são coisas que os africanos trouxe para Brasil.” (Mizuki).

“Sim, são tesouros que os africanos trouxeram para agente.” (Velma Camilla Cabelo).

Dessas seis respostas apenas uma criança permaneceu nessa categoria. As outras cinco crianças se tratam de respostas que mudaram de categoria durante o decorrer da intervenção. Isso não significa que as crianças deixaram de se sentir pertencentes a cultura afro-brasileira, mas que responderam a questão de forma que a se enquadrar em outra categoria.

Um ponto importante também é que nessas respostas duas crianças se referiram as africanidades como “tesouros”, o que demonstra uma influência referente a intervenção realizada no segundo encontro, que contextualizou as africanidades brasileiras através da contação da história “Os tesouros de Monifa”. E representa também uma valorização das manifestações afro-brasileiras.

B) “A gente aprende sobre o mundo, eu também amo estudar sobre a África”

Nessa categoria foi trabalhado os dados que dizem respeito aos saberes prévio e construídos ao longo da intervenção. Foram considerados os conhecimentos que as

crianças expressaram através das respostas dos questionários de entrevista, fala durante as aulas e também a percepção da educadora responsável pela pesquisa presente nos diários de campo.

É importante ressaltar que diferentemente da primeira categoria que levava em conta a ideia de pertencimento e representação como características principais para o agrupamento de dados, essa categoria leva em consideração o conhecimento e perspectiva da criança sobre a cultura africana, sem a necessidade da apresentação de alguma afinidade ou reconhecimento sobre a temática.

Começando com a perspectiva da pesquisadora sobre o conhecimento prévio das crianças, presente no diário de campo do primeiro encontro da intervenção:

É uma turma que já possui um conhecimento prévio sobre a cultura africana, então eles receberam a temática com muita tranquilidade. (DC-1)

Enquanto eu estava entregando as folhas da entrevista, a aluna Shuri reconheceu o símbolo que estava na folha do questionário. Ela disse: “Essa é a Sankofa, um adinkra africano”. (DC-1)

É possível notar que as crianças da turma já estavam familiarizadas com a temática, e possuíam conhecimentos prévios sobre a cultura africana, muito disso se deve ao projeto de extensão universitária Brincando e Dialogando, realizado pela parceria entre a escola e a Unesp. Esse projeto trata sobre a temática das relações étnico-raciais dos povos originários e da cultura indígena, africana e afro-brasileira nas aulas de atividades artísticas e cultura do movimento.

No primeiro encontro houve a realização da entrevista inicial, para entender principalmente sobre os conhecimentos que as crianças já apresentavam sobre a temática das africanidades brasileiras, antes de começar a intervenção propriamente dita. E assim, na primeira pergunta do questionário de entrevista que dizia: “Como brasileiros e brasileiras o que vocês acham de estudar sobre a África?”, obtivemos dezoito respostas representando conhecimentos prévios, como vemos a seguir:

“Muito interessante ver sobre a africa.” (Sininho).

“Bom legal porque eu aprendo muita coisas.” (Banana Super Picanha).

“Muito legal por que a cada dia agente aprende mais um pouco.” (Mbappé Junior).

“Por que eu aprendo muito.
Porque eu brinco.
Mais coisa gosto porque eu aprendo.” (Barão).

“Por que tem varias brincadeiras.” (Void).

“É legal e interessante e importante para gente por que insina varias coisas brincadeiras e ets.” (Ana Castela).

“Muito interessante e eu gosto” (Emily Vick).

“Legal, interessante porque nos aprende mais cosa.” (Boyk).

“Interessante agente aprende sobre africa.
Eu adorei apredi muitas coisa
Aprendi sobre as lutas sobre a origem.” (Super Aranha).

“É muito bom pois agente aprende sobre coisas novas tipo: lutas, vestimentos, alimentos, brincadeiras, paises, etc.” (Mizuki).

“Legal, porque a gente aprende coisas novas e culturas novas” (Julia).

“Por que eu gosto de aprender sobre a África.” (Monquede Luffy).

“Porque e legal aprender linguas de varios outros países.” (Emenel).

“Interessante por tem bastante coisas muito legal de aprender.” (Tio Nike).

“Um grupo de africanos que veio para o brasil.” (Lafu Lafuné Lafé).

“É a coisa mais legal. Pra mim eu amei a África muito interessante quando eu não conhecia eu achava que a África era um pais hoje eu sei que é um continente.” (Naruto Zumaqui).

“Muito legal porque nós aprendemos sobre paises muito diferentes os costumes de cada pais, e as culturas, comidas, religiões etc.” (Bruna).

“Legal porque editeral são importante e também brincadeiras” (Thatiane).

Com essas respostas é possível perceber que as crianças possuem interesse pela temática da cultura africana, e também utilizam muito o termo “aprender” para se referir a importância e a necessidade de trabalhar essa temática. O termo “interessante” também apareceu em bastantes respostas para se referir ao o que as crianças acham de estudar sobre a temática. O “brincar” e “brincadeiras” apareceu em quatro respostas, demonstrando um certo interesse pela manifestação corporal.

Dentro dessa primeira pergunta também obtivemos uma resposta que divergia das outras, essa resposta apresentou um ponto de vista sobre como é desenvolvido o ensino-aprendizagem das temáticas da cultura africana, como é possível acompanhar a seguir:

“Top maneiro as veze um pouco chato, porque quase nunca não da tempo de brincar, mas as vezes eu gosto.” (Lafu Lafuné Lafé).

Assim, é possível compreender a importância do brincar expressada pela criança, visto que o brincar faz parte da natureza interativa da criança sendo uma condição de aprendizagem e sociabilidade, como apontado por Sarmiento (2004, p.16).

Na segunda pergunta da entrevista inicial que questiona se “Você sabe o que são africanidades brasileiras? Se sim, o que são?” houve um total de duas respostas, sendo elas:

“Eu não sei, mas eu acho que é quando alguns costumes da africa vieram para o Brasil como comida, vestimentas, materiais religiões etc.” (Bruna).

“Sim, são coisas africanas que vieram para o Brasil.” (Velma Camilla Cabelo).

Essas respostas demonstram um conhecimento prévio muito elaborado e desenvolvido sobre as africanidades brasileiras. Mas, foram a minoria, visto que obtivemos um total de vinte e duas respostas que demonstrarem desconhecimento sobre a temática, nessa pergunta.

Essas 22 respostas em que os alunos apresentaram não conhecer a temática, são compostas por respostas como: “Não”, “Não sei”, “Não sei e gostaria de aprender”, “Não tenho a mínima ideia”.

Juntamente com um trecho do diário de campo referente a esse momento, onde a pesquisadora relata:

Na segunda pergunta, onde é questionado se eles sabem o que é africanidades brasileiras, muitos deles disseram que não, foi quase unânime. Eles falaram que não sabiam bem alto. (DC-1)

No segundo encontro da intervenção houve o momento de contextualização das africanidades brasileiras, onde a pesquisadora perguntou para as crianças o que elas achavam que eram as africanidades.

A seguir temos alguns trechos retirados do diário de campo do segundo encontro, referente à contextualização das africanidades, que apresentação o conhecimento prévio das crianças e a percepção da pesquisadora sobre esses conhecimentos.

Quando foi perguntado sobre africanidades brasileiras eles disseram que “São coisas que vieram da África” – Velma Camilla Cabelo. E de exemplos de africanidades brasileiras e afro-brasilidades eles deram capoeira, feijoada e canjica. (DC-2)

As crianças souberam responder muito bem sobre o significado de africanidades brasileiras e cultura afro-brasileira. (DC-2)

Essas respostas reforçam a ideia da turma ser bastante familiarizada com o

assunto, e apresenta uma dificuldade em colocar em palavras o conhecimento. Visto que na aula anterior, onde ocorreu a entrevista inicial, eles apresentaram dificuldades em escrever o significado de africanidades brasileiras e logo na aula seguinte eles conseguiram dizer o significado sem muitas complicações.

Agora, referente ao terceiro encontro que abordou a temática da capoeira utilizando os instrumentos musicais como enfoque da aula, obtivemos momentos importantes que apresentam o conhecimento prévio apresentado pelos alunos. Como percebemos nesses trechos retirados do diário de campo referente a terceira aula:

As crianças manifestaram conhecer muitos aspectos da história da capoeira, como demonstra o seguinte diálogo: “A capoeira nasceu, os fazendeiros eles maltratavam os africanos, que eles eram os escravos. E aí eles queriam sair de lá, eles queriam formar uma luta para fazer com os fazendeiros, mas se eles pegassem eles fazendo iam fazer alguma coisa, iam fazer... iam dar chicotada essas coisas. Então, eles fizeram a capoeira, porque aí quando eles estavam fazendo a capoeira porque era tipo uma dança e eles estavam lutando. Os fazendeiros nem ligavam”, e ao serem questionados se a capoeira era antiga as crianças responderam que era muito, e que foi criada no Brasil pelos africanos. (DC-3)

Foi perguntado sobre os instrumentos, dos quais eles também sabiam bastantes coisas como expressa as seguintes falas: “Atabaque!”, “Ele é um instrumento de percussão”, “Berimbau”, “Pega uma vareta e bate nele”, “Você segura e você bate com a pedrinha” e assim se sucedeu durante a breve apresentação dos instrumentos. (DC-3)

Ao apresentar o caxixi as crianças relaram já o conhecer: “Caxixi!”, “A gente brincou no começo do ano de obwisana sana, a gente usou” e então algumas crianças começaram a cantar a música: “Obwisana sanana Obwisana as” e então questionei de que país era Obwisana sana e eles responderam: “Gana” e perguntei: “Gana? E Gana fica aonde mesmo?” e a resposta foi: “Na África!”, “No continente africano”. (DC-3)

O último instrumento foi o aluno Zoro Tatibana, que explicou que o atabaque é utilizado em outros ritmos além da capoeira e demonstrou um toque do atabaque comum da capoeira, o ritmo que tematiza a aula, e também juntamente com um amigo, o cantou uma cantiga que dizia “No tempo que a capoeira era um jogo pesado...”. (DC-3)

É interessante notar que as crianças possuem conhecimentos sobre a cultura africana e afro-brasileira em diversos eixos, como na origem e história da capoeira, também nos instrumentos musicais e em como tocá-los, repertório de brincadeiras, cantigas e conhecimento geográfico do continente africano.

No último encontro da intervenção tivemos a experimentação da capoeira como um jogo, e também a degustação do mungunzá caseiro. A partir dessas vivências foram retirados alguns trechos do diário de campo referente a esse encontro:

Alguns já possuíam conhecimento sobre a manifestação cultural, então realizaram movimentos que eu não havia ensinado. Enquanto eu trazia o pote com o mungunzá, algumas crianças perguntaram

se era feijoada ou arroz doce, até acertarem falando canjica. (DC-4)

Esses trechos demonstram a familiarização de algumas crianças com a capoeira e também o entendimento da culinária brasileira que possui raízes africanas.

Ainda se tratando do último encontro, foi realizado o questionário final, com o propósito de entender os conhecimentos adquiridos durante as aulas.

E assim, como resposta a primeira pergunta “Como brasileiros e brasileiras o que vocês acham de estudar sobre a África?”, obtivemos um total de catorze respostas, quatro a menos em comparação com a entrevista inicial, que foram:

“A gente aprende mais coisas.” (Banana Super Picanha).

“Eu acho que sim por que e aprende varias coisas.” (Mbappé Junior).

“Muito e muito para não achar que a africa é um pais.” (Uma pessoa qualquer).

“Eu gosto me aprender sobre a cultura, dança, comida, brincadeiras musicas, origems, pintura corporal, e as roupas. e jeito que eles se vestem.” (Anna Castella).

“Para a prender brincadeiras.” (Void).

“Muinto importante.” (Amore).

“Sim eu acham legal e eu gosto de aprender sobre a culturas e sobre as brincadeiras, dança.” (Ana Castela).

“Sim porque eu vou ser professora quando eu crescer.!” (Emily Vick).

“Legau e a gente aprende coisa nova.” (Julia).

“Por que Eu acho importante.” (Monquede Luffy).

“Eu acho legal porque é bom aprender coisas de outros países.” (Emenel).

“Eu gosto porque eu me sinto mais feliz e mais inteligente.” (Tio Nike).

“Muito interessante porque a gente aprende sobre o mundo, eu também amo estudar sobre a africa.” (Bruna).

“Sim porque é muito importante para mim” (Thatiane).

Dessas catorze respostas, onze crianças se mantiveram na mesma categoria e três surgiram na entrevista final. Novamente é possível notar que o termo “aprender” está presente na maior parte das respostas para justificar a necessidade de estudar sobre a África.

A segunda pergunta: “Você sabe o que são africanidades brasileiras? Se sim, o que são?” apresentou uma enorme diferença de repostas comparada a entrevista inicial, onde inicialmente obteve duas respostas, na entrevista final foi totalizado treze

respostas. Ou seja, muitos alunos que não conseguiram expressar seu entendimento sobre africanidades na primeira entrevista, na última conseguiram. Acompanhe as respostas:

“Eu acho que é tudo que agente aprendeu tipo capoeira, as historias, as comidas os instrumento, tudo tudo mesmo” (Larissa Gabrielly).

“São coisas tipo comida, danças, lutas e muito mais sobre a África.” (Shuri).

“Eu acho que é costumes da africa que veio para o brasil.” (Anna Castella).

“Musica
capoeira.” (Void).

“Capoeira, musica,.” (Amore).

“Muito importante
Legau.” (Julia).

“Sim. são a cultura africanas. Brincadeiras jogos Religios etc.” (Mel).

“O que são da africa e veio pro BRASIL.” (Emenel).

“Eu acho que quando os africanos faz algo e traz para o Brasil.” (Tio Nike).

“Sim, coisa da africa que veio para o Brasil.” (Lafu Lafuné Lafé).

“O que eu mais gostei a canjica, a capoeira, é da professora.” (Naruto Zumaqui).

“Sim, africanidades são coisas que são da africa que vieram pro Brasil.” (Bruna).

“Capoeira, musica, dança.” (Thatiane).

Dessas treze respostas, uma das crianças se manteve na mesma categoria e as outras onze surgiram após o processo da intervenção.

Nessa segunda pergunta também foi apresentado algumas respostas que diferem das demais, nesse caso foram quatro respostas que demonstram um desconhecimento acerca da temática das africanidades brasileiras, um número muito menor em comparação as vinte e duas da primeira entrevista. Acompanhe a seguir essas respostas divergentes:

“Não sei desculpa.” (Uma pessoa qualquer).

“Eu acho que é os negros que são famosos.” (Ana Castela).

“Eu acho que sim e uma pintura corporal.?” (Emily Vick).

“Não.” (Monquede Luffy).

Diferentemente das respostas da segunda pergunta durante a entrevista inicial, onde 22 crianças responderam “Não” e “Não sei” sobre o significado das africanidades

brasileiras, nessa entrevista final, apenas duas crianças afirmaram não saber o significado das africanidades, o que demonstra uma diferença de 20 respostas. As outras duas respostas que compõem a divergência da segunda pergunta da entrevista final, são referentes a equívocos para com a definição de africanidades brasileiras.

Temos um trecho do diário de campo referente ao último encontro, que vai relatar sobre o momento do preenchimento da entrevista final:

Durante a reposta dos questionamentos muitos alunos disseram não saber o que era as africanidades, então expliquei que eles podiam escrever sobre o que eles aprenderam durante as aulas, inclusive a aula atual. (DC-4)

Dessa maneira, observamos que as crianças já possuíam conhecimentos prévios bem elaborados sobre a temática, mas possuem bastante dificuldade para escrever esses conhecimentos.

Também foi possível perceber os conhecimentos adquiridos pelas crianças durante a intervenção, conhecimentos esses que ficaram bastante expressivos durante a comparação das respostas da segunda pergunta nas entrevistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar e analisar a intervenção pedagógica sobre as africanidades brasileiras presente neste estudo, entendo que o objetivo central deste estudo, identificar e compreender os processos educativos que decorrem de uma intervenção pautada na valorização das africanidades brasileiras nas aulas de educação física nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, tenha sido alcançado. Visto que, ao analisar os dados comparativos das entrevistas inicial e final, foi possível perceber um aumento significativo com o repertório de palavras para significar as africanidades brasileiras. Algumas respostas também utilizaram conteúdo vivenciado em aula para se referir às africanidades.

Em relação ao objetivo específico, entender como o ensino de africanidades nas aulas de educação física contribuem para a valorização e compreensão dos/das alunos/alunas sobre a diversidade da cultura africana e afro-brasileira, foi alcançado. E é perceptível através das categorias que foram elaboradas durante a pesquisa, pois demonstra como as crianças conheceram as africanidades brasileiras durante a intervenção e também mostra como elas se sentiram pertencentes e valorosas em relação a essa temática.

As duas categorias, produtos dessa pesquisa, “Não importa você ser branco, negro, pardo ou indígena, você tem um pouco de África nas suas veias!” e “A gente aprende sobre o mundo, eu também amo estudar sobre a África”. São categorias que expressam a perspectiva das crianças sobre as africanidades brasileiras e os conteúdos abordados durante as aulas da intervenção.

A primeira categoria, “Não importa você ser branco, negro, pardo ou indígena, você tem um pouco de África nas suas veias!”, expressa o pertencimento que a criança tem com a temática, então é uma categoria que ultrapassa o conhecimento teórico sobre as africanidades brasileiras, se trata de uma categoria que retrata a conexão e representatividade que as crianças possuem com as africanidades.

A segunda categoria, “A gente aprende sobre o mundo, eu também amo estudar sobre a África”, as crianças relataram seus conhecimentos teóricos prévios e aprendidos sobre a África e sobre as africanidades brasileiras, alguns compartilharam suas suposições e também seus desconhecimentos para com o tema o que nos mostrou os conhecimentos adquiridos fruto da intervenção realizada.

Em relação aos trabalhos encontrados na revisão de literatura, poucos

tratavam sobre as africanidades brasileiras dentro das aulas de educação física escolar. Demonstrando uma carência de produções dessa temática na área da educação física escolar.

Durante a intervenção houve a realização de relatos escritos sobre as aulas elaborados pelas crianças, esses relatos escritos foram depositados no baú de tesouros durante os últimos três encontros. A utilização desses relatos como dado de pesquisa será realizada em futuras produções.

Após realizar essa pesquisa percebo o quanto o processo educativo necessita ser realizado em conjunto, principalmente com as crianças, que ao meu ver, são as principais responsáveis pelo desenrolar de cada aula. Mas é necessário também, estar em conjunto com uma rede de apoio, ainda mais se tratando de aulas que buscam trazer vivências diferenciadas, pois assim mesmo com as dificuldades é possível se manter motivada com as ideias de inovação para as aulas.

Finalizo esse trabalho refletindo sobre essa jornada de ensino-aprendizagem, pois entendo que estar em sala de aula como educadora é um ato político, então, busco em todo e qualquer encontro com meus/minhas alunos/alunas estimular que eles/elas pensem sobre o conteúdo, que falem suas perspectivas e considerações, porque assim, eu saio de cada aula aprendendo novas coisas, assim como espero que as crianças também saiam. É necessário que o processo educativo faça sentido para ser significativo.

REFERÊNCIAS

- BATISTA, C. S.; COSTA, R. A. **Africanidade Brasileiras na Educação Física Escolar**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Faculdade de Ciências Biológicas e da Saúde, Departamento de Educação Física, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Diamantina. 2019
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, 1994.
- CRELIER, C. M.; SILVA, C. A. F. da. AFRICANIDADE E AFROBRASILIDADE EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR. **Movimento**, [S. l.], v. 24, n. 4, p. 1307–1320, 2019. DOI: 10.22456/1982-8918.81656. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/81656>. Acesso em: 7 abr. 2024.
- COSTA, F.C. et al. Variações gastronômicas do munguzá ao percorrer o Brasil: estudo bibliográfico. **Nutrivisa**. v.10:e10513.2023. Disponível em: <https://doi.org/10.17648/nutrivisa-2023v10e10513> Acesso em: 18/08/2024.
- DENZIN, A. S; JUNIOR, L. G. Africanidades para e na educação das relações étnico-raciais. **MOTRICIDADES: Revista da Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana**, v.2, n.2, p. 91-105, maio-ago. 2018. Disponível em: <https://www.motricidades.org/journal/index.php/journal/article/view/2594-6463-2018-v2-n2-p91-105>. Acesso em: 7 out. 2023.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 84 ed. São Paulo: Paz & Terra, 2019.
- GOMES, N. L. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. Ministério da Educação. **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 39-62.
- GOMES, R. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 21 ed. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 67- 80.
- JUNIOR, L. G.; CARMO, C. S.; CORRÊA, D. A. Cicloviagem, Lazer e Educação Ambiental: Processos Educativos Vivenciados na Serra da Canastra. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 18, n. 4, p. 173–208, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/1161>. Acesso em: 7 out. 2023.
- MUNANGA, K. (Org.). **Superando o racismo na escola**. 2 ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.
- PEREIRA, S.F., e LEMOS, F.R.M. (2023). Educação para as relações étnico-raciais: uma proposta de ensino para a educação física escolar. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, 28(301), 145-163. <https://doi.org/10.46642/efd.v28i301.3698>

QUIJANO, A. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (Org.). **Epistemologias do sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Conselho Latino-americano de Ciências Sociais, 2005. p.117-142.

REIS, R.; NEIRA, M. G. Educação física cultural e africanidades: exu, saberes discentes e encruzilhadas. **Dialogia**, [S. l.], n. 38, p. e20456, 2021. DOI: 10.5585/38.2021.20456. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/20456>. Acesso em: 7 abr. 2024.

REIS, R. **Educação Física Culturalmente e africanidade**: entre decolonialidades, Exu e encruzilhadas. 2021. 173 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

ROCHA, S. D. e S.; UGAYA, A. de S. A África pra gente. **MOTRICIDADES: Revista da Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana**, São Carlos, v. 4, n. 2, p. 100–112, 2020. DOI: 10.29181/2594-6463-2020-v4-n2-p100-112. Disponível em: <https://www.motricidades.org/journal/index.php/journal/article/view/2594-6463-2020-v4-n2-p100-112>. Acesso em: 7 abr. 2024.

RODRIGUES, R. C. **Africanidades na educação física escolar**. 2023. 204f. Dissertação (Mestrado - Docência para a Educação Básica) - Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2023.

SARMENTO, M. J. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. In: SARMENTO, M.J.; CERISARA, A. B. (Org.). **Crianças e miúdos. Perspectivas sociopedagógicas da infância e educação**. Portugal: Edições Asa, 2004, p. 9-34.

SANTOS, B. S; MENESES, M. P. **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1992 pág. 19-30

SILVA, P. B. G. Africanidades brasileiras: esclarecendo significados e definindo procedimentos pedagógicos. **Revista do Professor**, Porto Alegre, v.19, n.73, p.26-30, jan./mar. 2003.

SILVA, P. B. G. Africanidades e educação. **Presença Pedagógica**, São Paulo, v.15, n.86, p.42-47, mar./abr. 2009.

SIMÕES, B. D.; MIZUNO, J.; ROSSI, F. Yoga para crianças: um estudo de revisão sistemática da literatura. **Revista Cocar**, [S. l.], v. 13, n. 27, p. 597–618, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/2859>. Acesso em: 7 abr. 2024.

SIQUEIRA, L. T. **Danças nas aulas de Educação Física do ensino fundamental e**

as relações étnico-raciais: desafios e possibilidade. 2023. 204 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF) – Instituto de Educação, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

OLIVEIRA, G. A.; TEIXEIRA, I. M. C. Capoeira. In: CRUZ, A. C. J.; REIS, M. P. A.; SOUZA, E. F. A. (Org.). **Metodologias de trabalho em educação das relações étnico-raciais.** Assis: Triunfal Gráfica e Editora, 2016, p 7-22.

APÊNDICE A – OFÍCIO DE APRESENTAÇÃO



Bauru, 15 de Abril de 2024.

Prezadas Diretora e Professora de Educação Física,

Na perspectiva de contribuir com a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Licenciatura em Educação Física da UNESP/Bauru, venho mui respeitosamente solicitar consentimento para a realização do projeto de pesquisa intitulado **“O ensino de africanidades nas aulas de educação física e sua influência nas percepções da cultura africana e afro-brasileira”**.

O referido projeto de pesquisa a ser desenvolvido pela estudante sob minha orientação, tem por objetivo central compreender a influência dos processos educativos das africanidades brasileiras nas aulas de educação física. Para tanto, prevê observações e intervenções em aulas com uma turma do 5º ano dos anos iniciais do ensino fundamental, fazendo uso de registro dos encontros em diários de campo e entrevistas com a devida autorização dos sujeitos envolvidos em documento específico, para uso exclusivamente acadêmico.

Sem mais para o momento, agradeço e me coloco a disposição para dirimir eventuais dúvidas.

Atenciosamente,
Profa. Dra. Denise Aparecida Corrêa
E-mail:
Telefone:

APÊNDICE B – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO/TALE – Crianças
(Conselho Nacional de Saúde, Resoluções 466/12 e 510/16)**

IDENTIFICAÇÃO DO(A) VOLUNTÁRIO(A)
Nome do (a) participante:
Nome do (a) responsável:
RG:

Olá Turma!
Eu me chamo Andreza e estou fazendo uma pesquisa para faculdade UNESP e estou aqui para convidar você para participar dessa pesquisa sobre o que são as africanidades.



Essa pesquisa é para ouvir o que as crianças aprendem quando brincam, jogam, dançam ouvem e contam histórias aqui nas aulas de educação física sobre africanidades.

Esse trabalho é para ajudar todos os professores que trabalham com crianças.

Gostaria de pedir permissão anotar tudo o que acontece em meu caderno, como brincam, como se sentem, e o que conhecem com as atividades que fazem aqui nas aulas de educação física.

Se concordar em participar, você responderá a algumas perguntas para sabermos o que você aprende e ensina com as atividades que faz aqui nas aulas. As respostas serão escritas ou gravadas em áudio e o seu nome não aparecerá nas respostas.

Quando eu terminar, vou escrever um trabalho sobre isso para depois apresentar para outras

pessoas que também trabalham com crianças.

Já conversei com a diretora, com as professoras e com os familiares de todos vocês e eles permitiram que eu fizesse essa pesquisa com o grupo de vocês.

Não haverá nenhum gasto de dinheiro e nenhum pagamento para você participar.

Você não é obrigado(a) a participar da pesquisa, ninguém ficará irritado ou te tratará mal por isso. Se você aceitar participar, não contaremos para outras pessoas informações sobre sua vida.

E se você aceitar participar e não quiser responder a alguma pergunta poderá me dizer. Você pode dizer “sim” agora e depois mudar de ideia e tudo continuará bem.

E agora, vou fazer duas perguntas para vocês pintarem a carinha com sua resposta:

VOCÊ QUER PARTICIPAR DESTA PESQUISA?

SIM



NÃO



POSSO TIRAR FOTOS E FILMAR DURANTE AS BRINCADEIRAS?

SIM



NÃO



Eu agradeço muito por suas respostas!

Assinatura Pesquisadora Responsável

Adaptações realizadas pela pesquisadora.

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Conselho Nacional de Saúde, Resoluções 466/12 e 510/16)

Prezado(a) Senhor(a),

Solicitamos autorização do(a) Senhor(a), responsável legal pelo(a) educando(a) _____, para que o(a) mesmo(a) participe da pesquisa que tem como título: “O ensino de africanidades nas aulas de educação física e sua influência nas percepções da cultura africana e afro-brasileira”.

A pesquisa tem como objetivo central compreender a influência dos processos educativos das africanidades brasileiras nas aulas de educação física.

Caso autorize a participação do(a) aluno(a) na pesquisa, realizarei observações das atividades que elas fazem na escola, como os jogos, brincadeiras, contação de histórias, rodas de conversa, e entrevistas que eles e elas poderão expressar suas opiniões livremente sobre as perguntas. As respostas serão anotadas ou gravadas em áudio e utilizadas somente para fins de pesquisa. O(a) nome do(a) educando(a), bem como, a turma ou a instituição a que pertence não será identificado nas respostas, garantindo o sigilo e a privacidade sobre sua participação.

Os benefícios esperados desta pesquisa são: compreender como se dá o brincar nas aulas de educação física na escola, o que as crianças aprendem e ensinam nesse ambiente, dar subsídios para futuros/as professores/as, trazerem novos elementos para suas aulas, bem como, contribuir para melhorar a qualidade do ensino na escola.

Os riscos, que porventura possam ocorrer com a participação na pesquisa é algum desconforto em responder a alguma pergunta, caso algum outro incômodo ocorra, a criança participante ou o(a) senhor(a) poderá comunicar à pesquisadora responsável para a adequação das perguntas.

Não haverá nenhum custo para que o(a) educando(a) possa participar da pesquisa. Assim como também não haverá remuneração para participar do estudo.

Os dados coletados serão utilizados unicamente para fins de pesquisa e estudo. Os resultados da pesquisa serão publicados e/ou apresentados com fins científicos (dissertação, tese, livros, artigos, reuniões científicas e afins).

Quaisquer esclarecimentos poderão ser solicitados no decorrer da pesquisa. Cabe lembrar-lhe, ainda, que o(a) Senhor(a) ou o(a) educando(a) poderá recusar ou retirar o consentimento livre e esclarecido em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma.

Se o(a) Senhor(a) se sentir suficientemente esclarecido sobre essa pesquisa, seus objetivos, eventuais riscos e benefícios, convido-o(a) a assinar este Termo, elaborado em duas vias, sendo que uma ficará com o(a) Senhor(a) e outra com a pesquisadora.

Agradecemos antecipadamente a sua contribuição. Em caso de dúvidas éticas o(a) Senhor(a) poderá entrar em contato com o Comitê de Ética/CEP da Faculdade de Ciências de Bauru-UNESP, pelo número (14) 3103-9400, endereçado na Av. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01.

Eu, _____,

depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa “O ensino de africanidades nas aulas de educação física e sua influência nas percepções da cultura africana e afro-brasileira”. **AUTORIZO**, por meio do presente termo, a participação do(a) educando(a), sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes. Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação aos áudios são de responsabilidade da pesquisadora responsável.

Local: _____, ____ de _____ de _____.

Assinatura da Pesquisadora

Assinatura do(a) responsável

Dados sobre a Pesquisa:

Título do Projeto: “O ensino de africanidades nas aulas de educação física e sua influência nas percepções da cultura africana e afro-brasileira”

Pesquisadora responsável: Andreza de Andrade Freitas

Instituição: UNESP/Bauru – Faculdade de Ciências – Departamento de Educação Física

Endereço: Av. Mun. José Sandrin, 1 – Jardim Marabá, Bauru – SP, 17048-699

Telefone para contato:

E-mail:

Dados sobre o responsável legal pelo(a) aluno(a) participante da Pesquisa:

Nome do responsável: _____

RG: _____ CPF _____

Endereço: _____

Telefone para contato: () _____

E-mail: _____

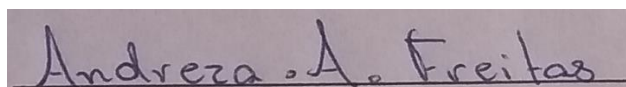
APÊNDICE E – QUESTIONÁRIO (FINAL)

Agora vamos ver o que você aprendeu!

Nome:

- Como brasileiros e brasileiras o que vocês acham de estudar sobre a África?
- Você sabe o que são africanidades brasileiras? Se sim, o que são?

Profa. Dra. Denise Aparecida Corrêa
(Orientadora)

A rectangular box containing a handwritten signature in black ink on a light-colored background. The signature reads "Andreza de Andrade Freitas".

Andreza de Andrade Freitas
(Aluna)